



## **Diga-me tuas medidas e direi quem és: A padronização estética dos corpos pelos discursos biológicos**

**Tell me your measurements and tell you who you are: The standardization bodies for aesthetic discourses biological**

**Lilliane Miranda Freitas**

Instituto de Estudos Costeiros  
Universidade Federal do Pará  
lilliane@ufpa.br

**Silvia Nogueira Chaves**

Instituto de Educação Matemática e Científica  
Universidade Federal do Pará  
schaves@ufpa.br

### *Resumo*

Neste estudo investigamos matérias da Revista *Superinteressante* com objetivo de analisar como os discursos biológicos definem uma estética correta do corpo e seus desdobramentos sociais. Analisamos esta problemática a partir das teorizações de Michel Foucault e dos Estudos Culturais examinando a articulação saber/poder presentes na produção de subjetividades pela pedagogia cultural da mídia e nos discursos biológicos. Dentre os resultados da investigação, destacamos que o discurso biológico e midiático têm sugerido formas estéticas naturais que tacitamente instituem padrões a serem seguidos, pautados como normais, gerando uma corrida social para alcançar a medida certa do corpo. Consideramos que a estética “melhor” não é dada pelo aparato biológico, mas sim por instâncias culturais, que elegem arbitrariamente um padrão a partir do qual todas as formas corporais serão valoradas. Compreender os efeitos que a mídia provoca através do discurso biológico é um dos desafios que se coloca à área de Ensino de Ciências, isso porque os espaços de mídia constituem na sociedade contemporânea lugares de educação científica tão ou mais frequentados que a escola.

**Palavras-chave:** Ensino de Ciências; Discurso biológico; Produção cultural do corpo; Pedagogia cultural da mídia; Divulgação científica.

### *Abstract*

We investigated the Journal Superinteressante materials in order to analyze how discourses define a biological correct body aesthetics and its social ramifications. We analyze this problem from the theories of Michel Foucault and Cultural Studies examining the joint power / knowledge present in the production of subjectivities by cultural pedagogy and the discourse of biological media. Among the research findings, we emphasize that the biological discourse and media have suggested that natural aesthetic forms tacitly establishing standards to be followed, graded as normal, creating a social race to reach the right measure of the body. We believe that the aesthetic "better" is not given by the biological apparatus, but by cultural bodies that elect an arbitrary standard against which all body shapes are valued. Understanding the effects that the media causes through the biological discourse is one of the challenges facing the field of science education, because the spaces of media in contemporary society constitute in contemporary society places of science education as or more frequented than school

**Keywords:** Science Education; Speech biological; Cultural production of the body; Cultural media pedagogy; Scientific.

## Introdução

A classificação da diferença é o motor do processo de fabricação identitária. A hierarquização dessas diferenças, a partir de padrões, gera a valorização, isto é, o privilégio de determinadas características em detrimento de outras. Um dos setores frequentemente afetados por essas classificações e hierarquizações identitárias é o da aparência, aqui nomeada de estética<sup>1</sup> dos corpos dos indivíduos. Uma das mais importantes formas de classificação se dá em torno de posições binárias, em classes polarizadas, pois em uma posição binária, um dos termos é sempre privilegiado. Fixar classificações se configura numa vantagem a quem atribui diferentes valores, pois de forma arbitrária os grupos são classificados, o que gera uma disputa social por quem terá o privilégio de classificar (SILVA, 2000).

Assim, o critério que julga e que valoriza a diferença é o normal, tomado então como critério normativo de julgamento. Normalizar seria então eleger arbitrariamente uma identidade específica, como padrão, em relação a qual todas as outras serão avaliadas e hierarquizadas. Os critérios que distinguirão a normalidade como também a anormalidade, estarão inscritos em sistemas de referência científica, sistematizados em disciplinas, teorias, leis e especificidades. Dessa forma, a norma é um elemento, ao mesmo tempo individualizante, quanto totalizante, uma vez que permite a comparação entre os indivíduos ao se remeter ao conjunto dos indivíduos. Nas comparações

---

<sup>1</sup> A estética aqui é trabalhada no sentido da aparência física, da plástica dos corpos, e não no sentido tratado por Michel Foucault, da estética quanto à transformação de si: "essa transformação de si pelo seu próprio saber é, creio, algo bem próximo da experiência estética. Para que um pintor trabalhe senão para ser transformado por sua pintura?" In: FOUCAULT, M. Por uma vida não fascista. Sabotagem, 2004, pp. 73-77.

classificatórias, chama-se de anormal àqueles cuja diferença em relação à maioria se convencionou classificar como intolerável, incômodo, exagerado, fora do permitido, oposto ao normal. Assim, a anormalidade passa a ser considerada um desvio, algo indesejável, por que a norma não admite exterior, pois os princípios de formação de um saber e um poder de normalização são mecanismos com os quais se pretende “defender a sociedade” de qualquer “degenerescência” (FOUCAULT, 1997, p.66-67).

O poder que a identidade normal carrega é tão forte que ela é sinalizada como a identidade e todas as demais identidades serão diferentes, ou ainda, *anormais*. Dessa forma, a subjetivação implica imposição de normas através de categorizações e na imposição de leis de verdade, estabelecendo aos indivíduos regras de condutas que dirigem seu modo de comportar-se socialmente. A padronização e a valorização da **norma** em relação à estética é um processo que acontece no campo da cultura que, imbricado em relações de poder, age como regulador e organizador das práticas sociais (COSTA, 2005).

Nesse sentido, o processo de normalização é a forma mais sutil de como o poder se manifesta na relação de produção de diferença e identidade. Pelo viés foucaultiano, o poder é tomado como produtivo, isto é, naquilo que ele é capaz de produzir em termos de efeitos, pois ele “faz”, incita, fabrica sujeitos. Nessa perspectiva, as concepções convencionais de poder, como uma força repressiva, negativa e centralizada por emanar de um único lugar, é desestabilizada, uma vez que ele funciona como uma rede de dispositivos, disseminado no corpo social, penetrando na vida cotidiana, por isso é chamado por Foucault de micro-poder. É uma maquinaria social, com estratégias, técnicas, dispositivos, e saberes, pois nenhum poder se exerce sem a apropriação, distribuição e retenção de um saber. O poder é exercido pelos sujeitos e tem efeitos sobre suas ações (FOUCAULT, 1997, 2008a).

Partindo desse entendimento, torna-se relevante tornar os discursos biológicos alvo de problematizações, pois as descrições científicas produzidas em relações de poder naturalizam características e, por conseguinte identidades. A naturalização de identidades através de “verdades” biológicas é uma das formas pelas quais as reivindicações essencialistas podem fundamentar identidades como fixas e imutáveis (WOODWARD, 2000).

No entanto, as supostas “verdades” biológicas não são neutras, têm sua contingência. Entendemos que a própria noção de “verdade”, na perspectiva foucaultiana, não passa de um efeito, ela é antecedida por interesses que lhe subordinaram como instrumento, para atender a uma vontade de poder. As verdades servem às expectativas e aos pecados da época em que são engendradas, assim, não se pode esperar que permaneçam “verdadeiras” sempre. Elas obedecem a uma vontade de verdade, a qual, apoiada sobre um suporte institucional, tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e como que um poder de coerção, agindo como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a suposta verdade (FOUCAULT, 1997; 2009).

Assim, a verdade é reconduzida, mais profundamente pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído como verdade, aí reside sua irremediável relação com o poder. Entretanto,

só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria benéfica, positiva, próspera e insidiosamente universal, ignoramos, em contrapartida, sua vontade de verdade, e neste caso, a vontade de verdade científica sobre os corpos.

Nesse processo, a mídia age como um forte e poderoso instrumento de subjetivação, pela maneira com a qual interpela e desse modo cria, através do discurso<sup>2</sup>, modos de ser e agir no mundo, estabelecendo identidades estabilizadas, normalizadas. A partir desse entendimento, consideramos a mídia como um dispositivo pedagógico, chamado dentro da perspectiva dos Estudos Culturais<sup>3</sup>, de pedagogia cultural, uma vez que ela nos ensina alguma coisa, pois nos transmite uma variedade de formas de conhecimento que são vitais na formação da identidade e da subjetividade. Assim, as pedagogias culturais, produzem valores e saberes, regulam condutas e modos de ser, subjetivam, fabricam identidades e representações, constituem certas relações de poder (SABAT, 2001). As pedagogias culturais indicam modos de proceder e constroem verdades através de múltiplas estratégias, nelas o poder é organizado e difundido em relações sociais assimétricas.

Nessa perspectiva, as diferentes mídias são um lugar de aprendizado a respeito de nós e de como vamos ver e ler o mundo, elas nos dizem como devemos ocupar posições-de-sujeito particulares, o que precisamos e devemos desejar, pensar e fazer para sermos felizes, bem-sucedidos na relação com nossos corpos (WOODWARD, 2000). Através dela aprendemos a codificar comportamentos e valores, reproduzindo e naturalizando significados, que acabam por arranjar nossa vida cotidiana (como vivemos, o que consumimos, o que acreditamos ser importante, como nos informamos, como vemos o mundo).

Essa eficácia pedagógica para produzir comportamentos, desejos, isto é, sua performatividade, se afirmará através de incessante repetição dos discursos. Assim, quanto mais a mídia põe em circulação os conhecimentos como simples “informações”, neste caso informações científicas, tanto mais os discursos por ela veiculados parecerão verdadeiros e se tornarão hegemônicos, logo, essas “verdades” serão vitais na subjetivação, produzindo identidades, modelos de vida, modos de ser, de viver, de ver o mundo (ANDRADE, 2004).

Nessa direção, as revistas como parte dos meios de comunicação de massa, também se configuram como potentes formas de ‘educar’, ou seja, de conformar corpos na sociedade, na medida em que atuam como meios de formação e de informação sobre a vida, o corpo, a ciência, sobre modos de ser e viver (FISCHER, 2002). As revistas, dentre elas as que propagam temáticas científicas, são dispositivos pedagógicos não só por que são utilizadas na escola como recurso pedagógico, mas por serem elas próprias pedagogias, ao participarem na composição da visão de mundo das pessoas, formando conceitos que estruturam percepções, comportamentos e compreensões.

---

<sup>2</sup> Segundo Foucault, o discurso é um conjunto de regras da prática discursiva, engendrada em condições que possibilitam sua existência, condições estas dadas em arenas de lutas, em relações de poder. Ele faz *mais* do que apenas designar coisas, o discurso define uma “realidade”, produz os objetos de que fala (FOUCAULT, 2008).

<sup>3</sup> Os Estudos Culturais surgiram originalmente, porém não homoganeamente, no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, na Inglaterra no final da década de 1950. Os Estudos Culturais estão preocupados e engajados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder.

Ancoradas nessa compreensão de que a mídia atua como uma pedagogia cultural e por isso, engendra formas de ver e ser, participando na constituição da subjetividade, direcionamos nosso olhar para revistas que abordam temáticas de interesse científico para iniciar a seleção das fontes de investigação com o objetivo de discutir como os discursos biológicos operam na construção de padrões estéticos corporais a partir de discursos biológicos veiculados pela divulgação científica.

Partindo deste objetivo, o foco em nossas análises não é denunciarmos uma possível falsa visão de ciência, se as matérias são realmente “provadas cientificamente” de acordo com a (múltipla e, às vezes, contraditória) visão da comunidade científica. Não é nosso propósito julgar a revista *Superinteressante* como sendo ou não “verdadeiramente” científica, através de uma análise de sua concordância e adequação com os resultados da atividade científica considerados consensuais, nem mesmo condenar o uso da revista em sala de aula ou prescrever aos professores um modo certo ou errado de servir-se dela como recurso didático. Assim, nossa preocupação neste trabalho não é com a “verdade” científica, mas em conhecer a vontade de saber que engendram esses discursos, analisar a força que esses discursos, proposições biológicas possuem por serem considerados sustentados “pelo verdadeiro”. Dessa forma, consideramos relevante analisar esses discursos que não são interditados, mas são selecionados, organizados, distribuídos, propagados por procedimentos e técnicas que têm por função tornar possível seu surgimento, seus efeitos, sua materialidade como pedagogia cultural.

Buscamos, dessa forma, ao investigar os conteúdos da revista, suas matérias, textos, e analisá-las teoricamente, trazer para discussão relações de poder presentes nos conteúdos que são trabalhados por nós, professores/as de ciências, ao tratarmos esses saberes de forma acrítica, como verdades incontestes. Assim, questionamos os discursos biológicos que circulam com pretensa naturalidade e verdade e, os efeitos que podem produzir ao operarem na subjetivação de indivíduos.

## Analisando a estética do corpo inscrita pelo discurso biológico na pedagogia cultural

Para efeito de análise desse estudo escolhemos como pedagogia cultural e fonte de investigação a Revista *Superinteressante* (Editora Abril) – edições do ano de 2008 – para analisarmos discursos que anunciam uma estética ‘correta’ do corpo, através do campo de saber que os definem – o biológico – contemplando os efeitos sociais dessas descrições. A revista *Superinteressante*, é uma publicação mensal, de circulação nacional, sendo a revista com pretensões de divulgação científica de maior tiragem no Brasil e a segunda mais antiga entre as revistas que divulgam a Ciência para o grande público. Portanto, é uma revista que tem bastante impacto e representatividade como veículo midiático. Sua ampla utilização possivelmente decorre de seu perfil, ainda que controverso, de veículo de divulgação científica não especializada, pois possui linguagem menos formal, com muitos infográficos, esquemas, ilustrações, curiosidades. Assim, a revista é direcionada para o público em geral, e em especial o público jovem, e não para comunidades científicas.

Além desses aspectos, a revista *Superinteressante* é muito adotada e lida por alunos e professores em escolas por todo país, e por professores de Ciências, em particular que costumam utilizar em suas aulas matérias dessa revista, em razão disto, frequentemente é utilizada como material pedagógico na prática docente no contexto das aulas, para, a partir dali iniciar discussões, ou mesmo, para exemplificar alguns aspectos relacionados aos conteúdos de ensino (MIRANDA, 2005). Dessa forma, a revista *Superinteressante* tem sido objeto de várias pesquisas em educação em diferentes aspectos de investigação, daí nosso interesse em estudá-la.

Como critério de seleção das reportagens, buscamos matérias que se utilizassem de argumentos biológicos para descrever, explicar e definir quais as melhores formas de estética corporal, tornando-as naturais. Dentre as reportagens analisadas, as matérias selecionadas para análise foram “*O que faz de você você?*” (Edição 248. Jan. 2008), “*A equação do ciúme*” (Edição 252. Mai. 2008), “*Cuidado: barriga pode causar demência*” (Edição 253. Jun. 2008), “*Engordar pecar sofrer*” (Edição 256. Set. 2008), “*Par perfeito*” (Edição 258. Nov. 2008).

Nessas reportagens selecionadas, buscamos discutirmos as subjetividades fabricadas em relações de poder presentes em discursos biológicos, como por exemplo, nos discursos sobre evolução, genética, neurociências, bioquímica, anatomia, fisiologia, dentre outros, utilizados por cientistas e jornalistas na revista de forma supostamente isenta de forças sociais, culturais, políticas, econômicas, tomados como meras descrições, explicações, conhecimento. Desta forma, procuramos problematizar o caráter contingente dos discursos biológicos, como conhecimentos produzidos em instâncias, instituições e processos culturais, que estão, como qualquer outro discurso, conectados em intrincadas relações de poder.

Nesse sentido, analisamos também os possíveis efeitos sociais que a pretensa neutralidade com que circulam na rede discursiva biológica pode produzir ao ensinar, explicar, informar e, como uma pedagogia cultural, também subjetivar, impondo-nos modos de ver e estar no mundo. Pois os discursos veiculados pela revista não são simplesmente um conjunto de signos que entrecruzam objetos e palavras, mas eles modelam práticas sociais ao produzir os objetos de que falam, eles produzem uma “realidade” que é engendrada em arenas de lutas, pois o discurso é atravessado pelo poder (FOUCAULT, 2008).

Ao analisarmos matérias como: “*A equação do ciúme*”, que trata com humor uma pesquisa que relaciona altura e ciúme masculino; a reportagem “*Par perfeito*” que traz explicações sobre como as pessoas escolhem seus parceiros para relações amorosas e os aspectos que as influenciam; e a reportagem “*Engordar pecar sofrer*”, vimos sobressair a importância dada à estética dos corpos pelo discurso biológico, e como este legitima e valoriza determinados atributos físicos usando apelos biológicos:

*“Cientistas europeus **descobriram** uma relação curiosa: quanto mais baixinho você é, mais ciumento tende a ser. **À luz da evolução**, até que isso faz sentido. Como as **mulheres tendem a dar preferência a homens mais altos**, só os baixinhos mais noiados teriam sido capazes de se reproduzir” (“A equação do ciúme”, mai/2008, p. 36, grifo nosso).*

*“Existem mais proporções que **todo mundo acha naturalmente mais bonitas**. Homens com o tronco em forma de triângulo são mais resistentes a vírus e bactérias. Eles podem dar filhos mais saudáveis,*

*então seu corpo já parece mais saudável que outros no mercado de corpos (...). Mulheres de cintura fina e quadril largo têm filhos mais inteligentes (...). O instinto dos homens sabe disso, então eles ficam excitados só de ver uma proporção assim. E aí vale aquela regra da simetria: a cabeça extrapola isso e entende que “quanto mais fina a cintura e maior o quadril, melhor”. Pesquisas mostram que os homens gostam mais das que tem uma proporção de 70% ou menos” (“Par perfeito”, nov/2008, p. 101, grifo nosso).*

*“A queda de produção de colágeno, a proteína que dá firmeza e elasticidade à pele é marcante – principalmente para as mulheres. “Nosso corpo atinge o auge da produção de colágeno aos 25 anos. A partir dos 30, há uma perda discreta e progressiva”, afirma a dermatologista Ligia Kogos. Claro que o seu estilo de vida – o quanto você fumou, bebeu e tomou sol – faz diferença. Mas o fato é que menos colágeno significa pele mais fraca, mais fina, mais flácida. Em outras palavras: rugas, olheiras e celulite. Nos homens – que possuem mais colágeno e tem a pele mais grossa – as rugas podem demorar mais a aparecer. Já a careca... Aos 30, os genes ligados à calvície tiveram bastante tempo para se manifestar. E, se em ambos os sexos o cabelo começa a perder volume devido à dificuldade em se renovar, nos homens há uma agravante: a ação progressiva do hormônio masculino testosterona atrofia os folículos pilosos, bem na raiz dos fios, enfraquecendo-os e levando-os à queda” (“Engordar pecar sofrer”, set/2008 p. 88, grifo nosso).*

Nesses fragmentos verificamos a valorização e desvalorização pelo discurso biológico de determinados aspectos estéticos dos corpos. Para os homens, sobressaem-se aqueles “mais altos” e “com o tronco em forma de triângulo”, “já a careca”, é um atributo indesejável para eles. Quanto às mulheres, chama atenção às “de cintura fina e quadril largo”, no entanto, as “*rugas, olheiras e celulite*” são intoleráveis para elas. As formas que são prestimosas pela ciência, têm seu valor justificado por argumentos naturais, dados “à luz da evolução”, seguindo uma lógica de que quanto mais atraente esteticamente, maior as chances de encontrar parceiros e se reproduzir.

Através desses elementos discursivos, tacitamente vão se instituindo padrões em relação à estética dos corpos, generalizando-se preferências e preterições dos gostos. Esses padrões e normas corporais são engendrados com argumentos naturais em formas de “*regras da simetria*”. Para as mulheres vale a regra de procurar um parceiro que seja aparentemente sadio, que possa “*dar filhos mais saudáveis*”, assim ela buscará “*homens mais altos*” e com “*o tronco em forma de triângulo*”, pois esse padrão sugere que eles “*são mais resistentes a vírus e bactérias*”, portanto mais saudáveis. Já para os homens, a “*regra da simetria*” os levaria a buscar “*mulheres de cintura fina e quadril largo*”, a justificativa seria que um corpo feminino com esse padrão poderia gerar “*filhos mais inteligentes*”, o que chega inclusive a ser tratado como um “*instinto dos homens*”.

Nesse sentido, no processo de fixação do padrão estético, o discurso biológico e midiático tem delineado e sugerido formas estéticas naturais, mantendo assim, determinadas identidades, pautando-as como normais, gerando uma corrida social para alcançar a medida **certa** do corpo. Contudo, a estética que “*todo mundo acha naturalmente mais bonitas*” não é dada pelo aparato biológico, mas sim por instâncias

culturais, que elegem arbitrariamente um padrão como norma a partir do qual todas as “proporções”, formas, serão valoradas (LARROSA, 1994). Assim, a medida de valoração – o normal – terá como objetivo:

*Fazer funcionar, através dessa medida "valorizadora", a coação de uma conformidade a realizar. Enfim traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal (...). Atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza (FOUCAULT, 2009, p. 176).*

No entanto, pela lógica evolutiva, justificam-se cientificamente as preferências supostamente naturais de homens e mulheres ao escolher seus parceiros, como se os gostos, as predileções por padrões fossem inatas, por isso os discursos científicos anunciam pretensamente que “descobriram” um padrão desejável, preexistente e tão somente “mostram” aquilo que já está dado naturalmente. Contudo, essas descobertas podem “também ser lidas como a aparição de novas formas na vontade de verdade” quanto à estética dos corpos (FOUCAULT, 2009a, p. 16). Entendemos que as descrições, as descobertas são, antes de mais nada, interpretações, invenções que produzem realidade e não a “mostram”.

Porém não só as preferências aparecem como “descobertas”, como se segue a generalização do enunciado – “todo mundo acha naturalmente mais bonitas”. Contudo, os esquemas de generalização são formas de “organização do campo de enunciados em que aparecem e circulam” (FOUCAULT, 2008, p. 63). Assim, partindo do entendimento que as descrições e as generalizações são propriedades enunciativas, consideramos que:

*Em todas essas descrições, nada se apóia na determinação de influências, trocas, informações transmitidas, comunicações. Não que se trate de negá-las ou contestar que jamais possam ser objeto de uma descrição, mas sim de tomar, em relação a elas, um recuo medido, de deslocar o nível de ataque da análise, de revelar o que as tornou possíveis; de demarcar os pontos em que se pôde efetuar a projeção de um conceito sobre outro, de fixar o isomorfismo que permitiu uma transferência de métodos ou de técnicas, de mostrar as vizinhanças, as simetrias ou as analogias que permitiram as generalizações; em suma, de descrever o campo de vetores e de receptividade diferencial (de permeabilidade e de impermeabilidade) que, para o jogo das trocas, foi uma condição de possibilidade histórica (FOUCAULT, 2008, p.182).*

Na perspectiva das condições de possibilidade, os discursos sobre saúde e beleza estão atrelados historicamente às regras de mercado, consumo e produção, conforme anuncia Foucault (2008, p. 57), “a saúde das populações tornou-se uma das normas econômicas requeridas pela sociedade industrial”. Dessa forma, o crescimento da indústria da beleza – fabricantes de cosméticos, produtos capilares, loções e cremes para pele, perfumaria, higiene pessoal, produtos farmacêuticos, medicamentos, etc. – tornou-se uma das condições de possibilidade para a emergência e prevalência de determinados discursos sobre a estética dos corpos. Estes discursos movimentam



aquilo que a matéria chama de “*mercado de corpos*” pelo estabelecimento de padrões que devem ser perseguidos para alcançarem “alta cotação” neste mercado.

Neste entendimento, o padrão é produzido em relações de poder, e sua sinalização como **o normal** é tão fortemente carregada que todas as demais formas que não se encaixarem nela serão consideradas anormais, doentes, “são excluídos como não pertinentes ao discurso, ou como irrelevantes e marginais, ou como não científicos” (FOUCAULT, 2008, p. 67). Verificamos na matéria abaixo como os enunciados fazem circular e instituem padrões tendo como base o argumento biológico/patológico:

*“Se você não dá bola para os seus ‘pneuzinhos’, é melhor ficar esperto. Um estudo feito nos EUA mostrou que a gordura localizada aumenta em até 250% o risco de **problemas mentais na velhice**. Acredita-se que algumas substâncias liberadas pela gordura possam afetar o cérebro” (“Cuidado: barriga pode causar demência”, jun/2008, p. 22, grifo nosso).*

Na matéria sobre o cuidado com a barriga, aqueles que não se mostram muito interessados ou não estão envolvidos, “*não dão bola*” na corrida pelo corpo padrão, são aconselhados, compelidos de que “*é melhor ficar esperto*” para os cuidados com o corpo. O alerta para esse cuidado é em relação aos “*pneuzinhos*”, uma espécie de “*gordura localizada*”, para que os indivíduos não sofram de “*problemas mentais na velhice*”. Esse alerta funciona como um princípio de coerção que o normal estabelece pela instauração de uma educação estandardizada do corpo (FOUCAULT, 2009, p. 176).

Nessa educação do corpo, estariam envolvidos, segundo Foucault (2008, p. 38), conhecimentos científicos sobre um “homem saudável” aliada a uma “definição do homem modelo”. Essa noção ancora-se na aparente evidência do corpo por si mesmo, ou seja, por ela passa-se a deduzir uma identidade por marcações biológicas.

Sobre que corpo incide essa educação, essa marcação? Dito de outra forma, que corpo é este que pode ser educado, marcado? O corpo composto por matéria é literalmente um *locus* físico e concreto. Porém, essa matéria física não é inerte, fixa, mas sim uma superfície moldável, transformável, plástica, objeto de relações de poder-saber que constituem atitudes corporais e formas de sujeito, que sofre ações baseadas em diferentes tecnologias historicamente elaboradas. Por quanto, se pode dizer que o corpo seria um arcabouço para os processos de subjetivação, que só é possível pelo caminho do corpo (MENDES, 2006).

Assim, o corpo é um híbrido entre o biológico e o cultural, isto é, como um produto material e simbólico da cultura e da sociedade (SANTOS, 1997), ou como anuncia Foucault (2001, p. 9) “o corpo é o lugar de uma justaposição, de uma sucessão, de uma mistura de espécies diferentes”. Desta feita, os corpos são tanto naturais quanto fabricados, pois as ligações culturais e sociais vão sendo impressas nele, não de forma linear, porquanto o próprio corpo é investido pelas relações de poder (FOUCAULT, 2008a). Em suma:

*O corpo é entendido como um construto social e cultural e, como tal, ele é alvo de diferentes e múltiplos discursos. É por meio destes múltiplos discursos que marcas/símbolos culturais são inscritos nos corpos e funcionam como um modo de agrupar, ordenar, qualificar, diferenciar, etc. Quem pertence ou não a certas classificações de*

*corpo: magro, alto, belo, branco, jovem, heterossexual, saudável, entre outros (ANDRADE, 2004, p. 110).*

Partindo deste entendimento, é importante pensar sobre como e para que finalidade os corpos são construídos, pois o corpo tem sido objeto e alvo do poder. Grande atenção é dedicada ao corpo uma vez que ele tem sido objeto do saber, através do qual se produz um “corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, que responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 2009, p.132). Assim o saber fisiológico e orgânico sobre o corpo, a partir de um poder, tornou possível engendrará-lo:

*Enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política (FOUCAULT, 2008a, p. 80).*

O saber médico é quem opera e requer esses conhecimentos para gerir a existência humana, fazendo dos corpos objetos de saber; um saber que não consiste somente da ciência de seu funcionamento, mas constitui um saber e um controle que Foucault chama de “tecnologia política do corpo” e de “corpo político” (FOUCAULT, 2009, p. 29,31). A partir disso, a medicina “toma uma postura normativa que não a autoriza apenas a distribuir conselhos de vida equilibrada, mas a reger as relações físicas e morais do indivíduo e da sociedade em que vive” (FOUCAULT, 2001, p. 38).

É partindo desta compreensão que não consideramos os discursos científicos/médicos de alerta para “ficar esperto” nos cuidados com o corpo, um discurso neutro, isento de relações de poder. Mas por considerar, como Foucault, que o corpo está diretamente mergulhado num campo político, entendendo que:

*Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e no entanto continuar a ser de ordem física (FOUCAULT, 2008a, p. 29).*

Nessa mesma direção, o poder sobre o corpo não se exerce somente com violência, dominação, força; se assim fosse esse poder seria muito frágil, mas ele age sobretudo numa estratégia e trabalho insistente, obstinado, meticuloso, através do apelo ao desejo dos indivíduos. Nisso consiste a força do poder, ao produzir efeitos positivos em nível do desejo e também em nível do saber. Segundo Foucault, o poder que investe no corpo não é mais na forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação,

que tacitamente diz: "Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzado!" (FOUCAULT, 2008a, p. 147). É nessa perspectiva que situamos a seguinte matéria:

*"Mas o melhor é não desistir da ginástica, porque você terá muito mais facilidade para engordar. A partir da 3ª década de vida, há um declínio na produção de derivados de hormônios masculinos, que ajudam na fabricação dos músculos" ("Engordar pecar sofrer", set/2008 p. 88, grifo nosso).*

Por esse tipo de apelo somos exortados à vigilância de nosso corpo contra toda a onda de riscos à saúde que nos são postos. Riscos, principalmente ligados ao nosso estilo de vida. Somos impelidos, interpelados a enfrentar esses riscos. É por meio desse apelo à vontade, nos aconselhamentos sobre ser melhor, "*não desistir da ginástica*" para não gerar "*facilidade para engordar*", que somos ensinados cotidianamente por uma "pedagogia do medo", que nos ensina que situações/práticas/pessoas/coisas devemos temer, que riscos podem (e devem) ser evitados, o que devemos fazer para minimizá-los, em quais instituições e especialistas devemos confiar (RIPOLL, 2008).

Não só pela pedagogia do medo, do risco, mas uma vez que a ciência fixa os gostos e as preferências de homens e mulheres em relação às "*proporções*" que serão anunciadas como aquelas que "*todo mundo acha naturalmente mais bonitas*", haverá um efeito incitativo no investimento para alcançar o corpo padrão através de: "ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo (...). O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo..." (FOUCAULT, 2008a, p. 146).

Apesar da aparente autonomia que temos sobre nosso corpo, o poder incide sobre ele de modo que há estratégias de incitação, visibilidade, identificação, valorização de formas estéticas, numa suposta necessidade de transformar o corpo em um outro, que seja melhor, mais belo. Nosso corpo é representado várias vezes como nosso inimigo, sujeito ao envelhecimento (processo a que se atribui conotação negativa e que deve ser evitado a todo custo, segundo a matéria), à doença, à perda das capacidades cognitivas, à feiúra, à morte, e por vezes como nosso maior aliado, como fonte de cura, prazer, realização. Assim, ao mesmo tempo em que vão sendo produzidos e explorados os defeitos, imperfeições, anormalidades de nossos corpos, como os "*pneuzinhos*", também são anunciados os cuidados, o zelo e os procedimentos **necessários** para alcançar saúde, beleza e bem-estar.

Por esse viés, especialistas das mais diversas áreas, associados à promoção da saúde, dizem os modos como devemos nos comportar em relação ao nosso corpo, o que vestir, como andar, o que comer e se relacionar com o mundo, enfim, como ser, subjetivando os indivíduos. Esses discursos são anunciados através das mais variadas estratégias, pela inscrição de normas, diretrizes e recomendações pelas quais nós nos vigiaremos, comparando-nos com as normas, treinando-nos para nos conformarmos a essas normas e tornarmo-nos (mais) produtivos (RIPOLL, 2008).

Orientações que provêm de campos consagrados e tradicionalmente reconhecidos por sua autoridade, como o da medicina ou da ciência interpelam-nos, ensinam-nos, constantemente, em palavras de ordem, imperativos sobre saúde, dizendo-nos pela diferenciação e reconhecimento do que é normal, adequado e sadio, bom e

belo, o que preferir e o que recusar, produzindo nossos corpos e estilos, nossos modos de ser e de viver.

Os discursos sobre a estética dos corpos como, por exemplo, “*melhor é não desistir da ginástica*”, movimentam uma verdadeira indústria do corpo (academias, moda esportiva, alimentos dietéticos, cosméticos, intervenções cirúrgicas, etc.), com estratégias de publicidade que tem por objetivo produzir consumidores ao transformar o corpo em um artefato do mercado econômico-social-cultural (ANDRADE, 2004). Resta-nos perguntar, ao pensar na produção estética dos corpos, “qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa?” (FOUCAULT, 2008a, p. 147).

Partindo dessas compreensões sobre corpo, como corpo híbrido, político, o discurso biológico engendra seu objeto de estudo a partir de uma vontade de verdade/saber/poder que passa a ser legitimado e hegemônico em um campo de lutas de poder junto a outros discursos circulantes. Assim, o saber científico/médico não é a soma de tudo o que pode ser dito de verdadeiro, nem tudo o que pode ser aceito sobre o corpo, contudo ele tem suas funções positivas, possuem uma eficácia histórica como produtor de verdades (FOUCAULT, 2009a).

Esse tratamento biológico institui o que é “verdadeiro” sobre o corpo, padroniza, normaliza formas de ser universais de modo que as pessoas que não se encaixam no padrão estético do corpo são classificadas e agrupadas de acordo com a hierarquização que decorre do padrão (gordos/as, magros/as, altos/as, baixos/as, brancos/as, negros/as). Assim, a estética dos corpos é tomada como referência para situar e definir as pessoas a partir de esquemas de enquadramentos que ora as inclui, ora as exclui de categorias sociais. Tal como destacamos no excerto que segue:

*“A **identificação com um grupo**, e a aceitação ou rejeição por parte do grupo é que deixam **marcas permanentes** na personalidade”, afirma Judith Harris. Para ela, é assim que o gordinho da turma vira o **gordinho engraçado**: ele usa humor para conquistar atenção. Assim se explica também a **garota mais bonita** da sala que **não se preocupa em desenvolver a inteligência** – a beleza já a destaca (...) Se fizer parte de um grupo em que o desempenho escolar é importante, a criança se estimula a ter melhores notas. Se não conseguir é provável que vá para outra panelinha, dos **esportistas**, por exemplo, que **não consideram as notas uma coisa superlegal**” (“O que faz de você você?”, jan/2008, p. 54, grifo nosso).*

As classificações desempenham importante papel na ordenação das práticas sociais, no entanto, elas sempre parecem apagadas como processo. Essa ordenação é efetivada e vivida pelos indivíduos no que a matéria considera como “*identificação com um grupo*”. A identificação e o agrupamento ocorrerão de acordo com as características requeridas como uma condição de “*aceitação ou rejeição por parte do grupo*”.

Apesar de a matéria mencionar que os grupos se formam a partir de determinadas características, ou seja, que ocorrem classificações sociais – “*identificação com grupo*” – essas classificações em grupos sociais são anunciadas como uma iniciativa espontânea do indivíduo, uma escolha. No entanto, segundo Foucault (2008), as identidades não são escolhidas, não dependem de nossa vontade, mas são

determinadas pelas práticas discursivas, impregnadas por relações de poder. Assim, a identificação das **marcas** de pertencimento identitário é regulada pelos significados que são atribuídos às características que compõe aquele grupo, não de forma neutra, mas em arenas de relações de poder (WOODWARD, 2000).

A fabricação da diferença, das marcas do grupo, não são, nunca, inocentes e não podem ser separadas das relações mais amplas de poder. A marcação tem a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição, pois quem definirá o critério para a *“aceitação ou rejeição por parte do grupo”*? Quem estabelecerá como estarão dispostos, distribuídos os grupos? Ou como indaga Foucault (1999, p. xv): *“em que ‘tábua’, segundo que espaço de identidades, de similitudes, de analogias, adquirimos o hábito de distribuir tantas coisas diferentes e parecidas?”*

Essa distribuição é feita por meio da marcação da diferença, entretanto, algumas diferenças são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares. Neste sentido, há uma tendência a fixar os atributos imputados aos indivíduos classificados, pois como expresso na matéria, o processo de subjetivação e identificação deixaria *“marcas permanentes”*. Essa ideia de permanência, produz a regulação dos lugares sociais, ou seja, uma noção de que o sentido das subjetividades, os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar, sempre serão os mesmos – identidades – nos contextos sociais nos quais elas são vividas (WOODWARD, 2000). Assim, as marcas na subjetividade são produzidas por um *“conjunto de graus de normalidade, que são sinais de filiação a um corpo social homogêneo, mas que têm em si mesmos um papel de classificação, de hierarquização e de distribuição de lugares”* (FOUCAULT, 2009, p. 177).

Contudo, as subjetividades fabricadas nesse processo, com a (re)produção das identidades na matéria, do *“gordinho engraçado”*, da *“garota mais bonita que não se preocupa em desenvolver a inteligência”* ou dos *“esportistas que não consideram as notas uma coisa superlegal”*, não são fixas, *“permanentes”*, mas estão em constante fabricação, pois a subjetividade não se constitui num elemento natural, mas sim é histórico e culturalmente construído, que envolve o cruzamento de diferentes elementos como os discursos políticos e culturais e as histórias particulares (SILVA, 2000). Assim, ao compreendermos as identidades como fabricadas, fragmentadas, contraditórias e em processo, entendemos o porquê da impossibilidade de se revelar uma essência comum à subjetividade.

Entretanto, as identidades de *“gordinho engraçado”*, *“bonita burra”* e *“esportista burro”* ao serem *“descritas”* na matéria, contribuem para definir ou reforçar as identidades que se estaria supostamente apenas descrevendo. Os discursos que circulam fazem parte de uma rede mais ampla de representações, de atos linguísticos. Assim, ao proferir um discurso não estamos somente manifestando nossa opinião desenvolvida e pensada por nós mesmos, mas fazendo circular um sistema de representações (FOUCAULT, 2008).

A constante circulação e reforço daquilo que definiria as subjetividades, como aquelas explicadas nas matérias através de identidades, de adjetivações, caracterizações, acabariam produzindo estereótipos em torno das identidades. Os estereótipos são o lugar comum do discurso, aquilo que todo mundo diz, que todos sabem. Grande é o

poder dos estereótipos, pois sua evidência torna-os convincentes (LARROSA, 1994). Quando algo é estereotipado, convoca concordâncias mecânicas, compreensões imediatas, parece que já não há mais o que se dizer sobre ele, como nas famigeradas identidades reforçadas pela reportagem: “*gordinho engraçado*”, “*bonita burra*” e “*esportista burro*”.

Os procedimentos que fabricam os estereótipos de nosso discurso, os preconceitos de nossa moral, e os hábitos de nossa maneira de conduzir-nos nos mostram que nossos pensamentos e julgamentos são menos livres do que imaginamos, estão amarrados em redes discursivas (LARROSA, 1994). Entretanto, ao analisarmos o caráter fabricado desses estereótipos e entendermos a contingência dos discursos, abre-se a possibilidade de falar de outro modo, de julgar de outro modo, de conduzir-nos de outra maneira.

Nesse contexto, a mídia atua como poderoso dispositivo de instituição de representações “verdadeiras”, de estereótipos, ela nos diz como podemos ocupar posição de sujeitos particulares. A mídia representa modos de ser e qual a forma legítima e aceitável de vivenciar essas identidades (WOODWARD, 2000). Tais noções ensinariam a cada grupo o seu lugar social, fortalecendo posições divergentes como o lugar do homem e da mulher, o lugar de brancos e de negros, e os não-lugares como é o caso de tantas etnias e opções sexuais que simplesmente inexistem nas narrativas de “uma” suposta “humanidade” (COSTA, 2005).

Nas identidades anunciadas pela matéria - “*gordinho engraçado*”, “*bonita burra*” e “*esportista burro*” – verificamos que as marcas identitárias são critérios de “*aceitação ou rejeição por parte do grupo*” estão inscritas na materialidade, na estética dos corpos. Desse modo, as pessoas que vivem identidades cientificamente menos prestigiadas, sofrem todo tipo de preconceitos, sanções dos demais para serem socialmente aceitas, o que é claramente observável na cultura escolar, através dos apelidos que lhes são atribuídos.

O fato de esses efeitos classificatórios serem fortemente vividos no âmbito escolar, convidam-nos como professores de ciências a analisar os processos de subjetivação que nos atravessam, constituem e convocam a um tipo de vida, de relação conosco, com o outro, com o mundo. Insta-nos a pensar nossas práticas em contrapelo a essas noções normalizadoras quando falamos sobre o corpo e principalmente sobre a estética do corpo.

Por essa razão é importante que professores/as de ciências em suas salas de aula, incitem os estudantes a desconfiar das “verdades” produzidas pela ciência, através de um ensino que deixe em suspeição o pretense formato de neutralidade, veracidade, e isenção das dimensões políticas e econômicas da ciência, problematizando suas “interpretações” como contingentes e dando visibilidade ao caráter material do conhecimento científico, bem como as mediações culturais, econômicas e éticas que ocorrem nas relações entre ciência e sociedade.

Não apenas isso, mas urge que o ensino sobre o corpo não seja somente baseado na descrição da anatomia e fisiologia dos corpos, mas pautado numa abordagem em que a construção cultural dos corpos, investidas pelas relações de poder através de discursos biológicos seja discutida, não com objetivo de negar a materialidade dos objetos estudados pela biologia, nem, contudo, recusar o conhecimento gerado pela

ciência, mas a fim de que as verdades (e identidades) instituídas pela ciência/biologia sejam questionadas uma vez que elas podem normalizar, padronizar modos de ser, viver e comportar-se da maneira esperada, ou seja, de um modo biologicamente natural.

A padronização exclui outras visões, gera silenciamento das diferenças culturais, que estão presentes na vida dos estudantes, ela ocorre em várias instâncias culturais que falam sobre o corpo e ditam padrões estéticos acerca dele, como a mídia. Assim, destacamos a importância de como professores/as adquirirmos um alfabetismo crítico da mídia e passar a questionar aquelas representações historicamente e socialmente construídas sobre o corpo. Isto envolve aprender as habilidades de desconstrução, de compreender como os textos culturais funcionam, e neste caso os discursos biológicos, como eles significam e produzem significado, como eles constituem e organizam a percepção de seus/as leitores/as.

A partir deste trabalho não temos a pretensão de prescrever práticas pedagógicas e práticas de si corretas e eficazes, nem tampouco estabelecer novas verdades ou oferecer respostas definitivas, mas convidamos os/as professores/as a (re)pensarem suas práticas pedagógicas não apenas como transmissoras de conhecimentos, mas também como processos que fabricam sujeitos, produzem identidades, que são engendradas através de relações de desigualdade e poder, historicamente contingentes. Por isso, importa que nossa prática pedagógica como professores/as de ciências seja uma prática escolar política, comprometida em criar espaços para transformação, subversão, interferência, resistência e recusa das formas de fabricação de identidades.

## Conclusão

Ao discutir sobre a estética dos corpos importa exercitar a dúvida sobre a abordagem que predomina nos currículos escolares, dada a partir da lógica verdadeira e universal da ciência a partir de um organismo puramente biológico, quase sempre seccionado, estável, padrão, atemporal, ahistórico, funcionalista, assexuado, natural e ao mesmo tempo deslocado do ambiente, tratado como se fosse isento de qualquer construção discursiva.

Partir do entendimento de que as identidades são instituídas pelas formações discursivas, tidas como verdadeiras, tais como a rede discursiva da ciência, nos possibilita pensar que da mesma forma como são construídas, elas podem ser desconstruídas, estão sujeitas a mudanças, isto é, podem ser reposicionadas. Essa é uma relevante questão a ser discutida na educação, a fim de gerar processos de transformações sociais, uma vez que, a maneira como vimos e somos vistos determina, em parte, o modo como tratamos e somos tratados nas relações sociais.

Dessa forma, torna-se relevante por em questão as políticas do corpo, que põem em jogo os mecanismos e sistemas de produção e fixação de diferenças, classificações, padrões, generalizações, descrições, marcas que enclausuram as coisas, as pessoas, a vida. Vale lembrar que essas propriedades discursivas são políticas, e como tal construídas em relações de poder desiguais, no interior de conflitos por interesses divergentes e concorrentes.

Nesta direção, consideramos que compreender os profundos efeitos que a mídia tem como dispositivo pedagógico é um dos desafios que se coloca aos educadores/as de ciências. O que se traduz em problematizar o supostamente óbvio, aquilo que é tido como certo, como natural pelos discursos biológicos que nos são “vendidos” como a realidade por revistas ditas científicas. Fazemos este questionamento não com tom de denúncia, como se fosse possível apresentar uma perspectiva “verdadeira”, mas por que pensamos que é oportuno estarmos atentos às práticas de produção de sentido a que nós e nossos alunos estamos envolvidos cotidianamente.

## Referências:

ANDRADE, S. S. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, D. E; SOARES, R. F. R (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Mediação. 2004. p. 107-120.

BESSA, M. Engordar pecar sofrer. **Superinteressante**, vol. 256, n. 9, p. 86-91, set, 2008.

COSTA, M. V. Currículo e Política Cultural. In: COSTA, M. V. (Org.) **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A. 2005. p. 37-68.

FISCHER, R. M. B. Uma análise foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação na cultura. **Currículo sem Fronteiras**, v. 2, n. 1, p. 41-54, 2002.

FOUCAULT, M. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2001.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 2008a.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes. 2009.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola. 2009a.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e Educação. In: SILVA, T. T. (Org.) **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Rio de Janeiro: Vozes. 1994. p. 35-86.

MENDES, L. C. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, n. 39, p. 167-181, 2006.

MIRANDA, A. S. Saúde em Revista: a Potencialidade Didática de textos da Superinteressante para a Abordagem de Temas Transversais. In: Semana de Pesquisa, Ensino e Extensão/ Setor de Educação (UFPR) e I EREBIO SUL. Curitiba, 2005. **Atas...** Curitiba: UFPR, 2005.

REZENDE, R. Cuidado: barriga pode causar demência. **Superinteressante**, vol. 253, n. 6, p. 22, jun, 2008.

RIPOLL, D. Você tem medo de quê? A pedagogização midiática do risco. **ComCiência**, v. único, p. 1-7, 2008.



SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, n. 1, p. 12-21, 2001.

SANTOS, L. H. S. Incorporando outras representações culturais de corpo na sala de aula. In: OLIVEIRA, D. L. (Org.) **Ciências nas salas de aula**. Porto Alegre: Mediação, 1997. p. 97-112.

SGARIONI, M; NARLOCH, L. O que faz de você você? **Superinteressante**, vol. 248, n. 1, p. 48-56, jan, 2008.

SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes. 2000.

VERSIGNASSI, A. WEINGRILL, N. Par perfeito. **Superinteressante**, vol. 258, n. 11, p. 98-103, nov, 2008.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes. 2000.

**Submetido em outubro de 2010, aceito em dezembro de 2012.**